



PERU / Legisladores não chegam a votos suficientes para remarcação do pleito. Medida era uma das principais demandas dos manifestantes. Desde a destituição e a prisão do presidente Castillo, 20 pessoas morreram durante choques em várias cidades

Congresso rejeita antecipar as eleições

» RODRIGO CRAVEIRO

Diego Ramos/AFP



Simpatizantes de Castillo usam carcaças de carros queimados para bloquear a Rodovia Panamericana na cidade de La Joya, a 7km de Arequipa

Enquanto os peruanos contavam seus mortos, o Congresso da República tomava uma decisão que pode agravar a crise política deflagrada pelo autogolpe do presidente Pedro Castillo, seguido de sua destituição e prisão. Por 49 votos a favor, 33 contra e 25 abstenções, o Legislativo não conseguiu margem suficiente para aprovar a antecipação das eleições — por tratar-se de reforma constitucional, eram necessários 87 votos nas duas legislaturas ou 66 votos, ratificados por meio de referendo. Membro da Comissão de Constituição do Congresso e autor do requerimento, o deputado Hernando Guerra García pretendia que as eleições ocorressem em dezembro de 2023.

Até o fechamento desta edição, o governo da presidente Dina Boluarte, ex-vice de Castillo, admitia 20 mortes durante as manifestações — seis em Apurímac, uma em Arequipa, três em La Libertad, uma em Cuzco, uma em Junín e oito em Ayacucho. Ao todo, 63 dos mais de 500 feridos seguem hospitalizados. Apesar do estado de emergência em vigor até 14 de janeiro, os atos de vandalismo e os confrontos com militares prosseguem em várias cidades do Peru. Os manifestantes exigem a renúncia de Boluarte, a libertação de Castillo, o fechamento do Congresso e a realização de eleições imediatas. A expectativa era de que a aprovação da antecipação do pleito ajudasse a pacificar o país.

A recusa do Congresso em atender parte do apelo popular dificulta a permanência no poder da ex-vice de Castillo. “O que virá é a renúncia de Dina Boluarte, que dará vez a uma transição democrática”, previu a congressista de esquerda Ruth Luque, citada pela agência de notícias France-Presse. “Pela quantidade de peruanos mortos, a senhora

Boluarte deveria renunciar”, engrossou o coro Susel Paredes, congressista de centro. Em ato de repúdio pelas mortes de manifestantes, os ministros Patricia Cueva e Jair Pérez, titulares das pastas da Educação e da Cultura, se demitiram ontem e aumentaram a pressão sobre Boluarte. Na quinta-feira, a Justiça acatou um pedido do Ministério Público e determinou a prisão preventiva de Castillo por 18 meses.

Tiros

Na madrugada de ontem, horas depois de o Exército do Peru reagir a uma tentativa de ocupação do aeroporto de Ayacucho (sul), que terminou em

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Os protestos têm sido organizados por um partido de extrema esquerda chamado Movadef, integrado por pessoas que faziam parte ou que se simpatizavam com a guerrilha maoista Sendero Luminoso. Ainda que não sejam mais terroristas, são muito violentos e organizados. Conseguem apoio da população pobre com base em uma ‘narrativa’ que apresenta o presidente destituído Pedro Castillo como vítima da direita de Lima.”

Alfredo Torres, analista político e presidente do instituto de pesquisas Ipsos Perú

oito mortos, Boluarte prestou solidariedade aos familiares dos manifestantes. “Lamentamos o choro das mães em Ayacucho e

sofremos com a dor das famílias em todo o país. Hoje, em um triste dia de violência, voltamos a lamentar as mortes de peruanos.

Minhas profundas condolências aos enlutados. Reitero meu apelo à paz”, escreveu a governante, em seu perfil no Twitter. A Defensora do Povo, Eliana Revollar, disse à agência de notícias France-Presse que os manifestantes carregavam estilingues e pedras. “Essas pessoas morreram devido ao impacto de tiros.”

Sob condição de não ter o sobrenome divulgado, Melina, 38 anos, moradora de Ayacucho, relatou à reportagem que a situação permanecia tensa bastante na cidade. “As pessoas estão indignadas com o massacre de ontem (quinta-feira). Houve atos de vandalismo. Alguns manifestantes saíram às ruas e incendiaram prédios da

Promotoria, revoltados com o silêncio do Ministério Público e do Poder Judiciário”, contou. “Houve confrontos com a polícia, que voltou a disparar e a usar bombas de gás lacrimogêneo.”

Presidente do instituto de pesquisas Ipsos Perú, o analista político Alfredo Torres afirmou ao **Correio** que o Congresso da República está muito desprestigiado. “Há mais de 12 partidos, e a percepção é a de que não trabalha e que muitos congressistas estão ali apenas em benefício próprio”, criticou. Ele explicou que existe consenso sobre a necessidade de antecipação das eleições. No entanto, as demandas secundárias são diversas. “Há três posições distintas. A esquerda quer a antecipação do pleito e da Assembleia Constituinte. O centro e a direita estão divididos entre os que querem mudanças no sistema eleitoral e eleições em 2024 e os que sentem que a rejeição cidadã é enorme e se veem dispostos a realizar a votação no próximo ano”, observou. O problema, segundo ele, é que qualquer uma dessas soluções exige dois terços dos votos do Congresso. “Nenhuma parte os têm.”

Turismo

A crise política trouxe transtornos para milhares de estrangeiros que visitam o Peru. Com o fechamento de estradas e de aeroportos, cerca de 5 mil turistas ficaram retidos em Cusco, antiga capital do Império Inca. Muitos deles ficaram em seus hotéis à espera da retomada dos voos. Ontem, o Ministério da Defesa anunciou a reabertura do aeroporto. Em Águas Calientes, porta de acesso às ruínas de Machu Picchu, cerca de 200 turistas, em sua maioria dos Estados Unidos e da Europa, enfrentaram uma caminhada de 30km até a cidade de Ollantaytambo, para buscarem uma conexão até Cusco.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Elas bateram na trave

Ainda não será desta vez que o Itamaraty terá uma mulher no comando. Mas a escolha da embaixadora Maria Laura da Rocha para a secretaria-geral, o segundo posto na hierarquia do ministério, sugere que essa importante transição está cada vez mais próxima. A “número dois” do chanceler Mauro Vieira é apenas uma entre as diplomatas que chegaram a ser cotadas para assumir a pasta a partir de janeiro.

Dentro do Itamaraty, a torcida feminina (e feminista) apostava as fichas na intenção anunciada pelo presidente eleito de promover uma presença mais pronunciada das mulheres na equipe de governo. Pelas opções oferecidas e pelos múltiplos fatores sobre a mesa na negociação com aliados para outros ministérios, o MRE se afigurava propício para contribuir na montagem de um gabinete com maior equilíbrio de gênero.

Clube do Bolinha

A carreira diplomática, que costuma ser comparada à militar, pela natureza hierárquica e de Estado,

tem similaridade com a caserna também no quesito da participação feminina. Em *Diplomata: substantivo comum de dois gêneros*, estudo publicado em 2011 pela Fundação Alexandre de Gusmão, a diplomata Viviane Rios Balbino cita dados oficiais de 2005. Segundo esse levantamento, as mulheres correspondiam a 19,4% do total do pessoal diplomático do Itamaraty.

Mais significativo: em 1996, entre os 98 ministros de primeira classe, o estrato superior da carreira, estavam apenas três mulheres. A observação do período mais recente indica que esse quadro vem se alterando, mas em ritmo nitidamente inferior ao da evolução da população feminina no país.

Começar de novo

Os primeiros movimentos anunciados pelo futuro chanceler confirmam o que se sabia desde a campanha — que o governo Lula vai retomar, na frente externa, as linhas gerais dos 14 anos de gestão encabeçada pelo PT. Mauro Vieira definiu América

do Sul e América Latina como prioridades e sinalizou também a orientação de Lula para o relançamento da cooperação com a África.

Entre os destinos de viagem para os primeiros meses de mandato está a Argentina, que receberá reunião da Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac) — uma das iniciativas do presidente eleito quando ocupou o Planalto, entre 2003 e 2010, assim como a Unasul, ambas esvaziadas desde o afastamento de Dilma Rousseff, em 2016.

Em paralelo ao retorno da diplomacia brasileira para o eixo sul-sul, o novo titular do Itamaraty informou sobre planos para que Lula visite EUA e China ainda nos primeiros três meses de 2023. A União Europeia é outro alvo prioritário no sentido norte do globo.

Campo minado

Na vizinhança amazônica, desafios e oportunidades aguardam o próximo governo. De saída, o Peru vive mais um capítulo da crise política que se tornou praticamente endêmica desde a virada do século. Simpatizantes do esquerdista Pedro Castillo, deposto da presidência e preso desde então, saem às ruas em números para contestar a

sucessora, Dina Boluarte — que, por sua vez, já anunciou por duas vezes a antecipação da eleição presidencial, agora para dezembro de 2023. O mandato de Castillo terminaria em 2026.

Retomar as relações com a Venezuela é outro objetivo elencado por Mauro Vieira para o início do mandato. Por lá, se empilham interesses recíprocos: migração de venezuelanos para o Brasil, garimpo ilegal, contrabando e tráfico de drogas e armas. A agenda é semelhante com a Colômbia, onde o fator favorável são as afinidades com o presidente Gustavo Petro, entusiasta de primeira hora do retorno de Lula ao Planalto. No flanco sul dessa área, o foco de atenção é a Bolívia, onde o governo central, também de esquerda, é contestado pelos setores políticos e sociais dominantes nas províncias fronteiriças ao território brasileiro.

Frente ampla

Na interseção entre o cenário internacional e o doméstico, a expectativa é pela linha e pela intensidade daquilo que se chama de diplomacia presidencial. Com Lula, deve ser marcante o peso dela, na comparação com o que se viu com Dilma, Michel Temer e Jair

Bolsonaro. A presença do presidente eleito na COP-27, no Egito, apagou qualquer dúvida sobre a disposição de jogar na primeira divisão em temas como mudanças climáticas e meio ambiente.

Observadores da área rastreiam, desde já, uma possível reprodução na política externa, da frente costurada por aqui para derrotar Bolsonaro na disputa pelo Planalto. Acenos e algo mais já foram trocados com Joe Biden e Emmanuel Macron, ambos às voltas com uma oposição de ultradireita cujas afinidades e laços com o bolsonarismo são notórios. Na semana passada, foi a vez de a Alemanha debelar um obscuro complô com feitiço monarquista e traços de inspiração no nazismo. Um dos presos, um militar, tem empresas em Santa Catarina e visita regularmente o estado brasileiro, onde se investigam conexões entre círculos bolsonaristas e grupos clandestinos neonazistas.

Boas festas

A coluna entra em recesso nos próximos dois sábados. Aos leitores e interlocutores, agradeço por mais um ano de convivência e desejo boas festas, com votos de esperanças renovadas em 2023. A Conexão Diplomática volta no sábado, 7 de janeiro.